

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga construções figurativas em *raps*¹ brasileiros da última década, com vistas a determinar seu valor como elemento de (des)construção identitária. Situa-se, pois, em um ponto de confluência entre as seguintes vertentes: (a) teorias e estudos da identidade como “criatura da linguagem” (Tomaz Silva, 2000; Hall, 2006); (b) teorias e estudos sobre a figuratividade como fenômeno *fundante* na linguagem, no pensamento e na ação (Nietzsche, [1873] 1974; Derrida, 1991; Eco, 1994); e (c) teorias e estudos da música popular como fator importante na construção e desconstrução de identidades sociais (Albim, Diniz *et. al.* (s/d.), Naves, Bacal e Coelho, 2006).

O objetivo geral é descrever e analisar figuras de raps nacionais da última década, que se dão por metonímia, sinédoque, metáfora, alegoria, ironia, dentre outros processos retóricos. O objetivo específico é, em vista de um registro do que há de recorrente nas figuras analisadas, entender se e como isso está correlacionado às identidades sociais erguidas numa época em que predicados como *unidade*, *fixidez*, *imutabilidade*, *homogeneidade* têm sido reavaliados. O que se verá, neste trabalho, é que há muita construção figurativa em raps nacionais da última década e que o gosto dos *rappers* pelas figuras constitui uma estratégia importante no investimento retórico e político que marca esse gênero musical: trata-se com frequência de uma certa maneira de argumentar, persuadir. Outro dos resultados principais alcançados aqui é a percepção de como as construções figurativas, de forma quase nada extraordinária, contribuem para uma elaboração identitária não-essencialista.

A fim de alcançar essas metas, vinte e sete letras² de raps nacionais dos últimos dez anos foram escolhidas para constituir o *corpus*, priorizando composições de diferentes rappers e grupos de rap com destaque nacional. A fama desses rappers e grupos de rap foi constada nas incansáveis viagens pela Internet em busca de todo tipo de informação sobre a cultura hip-hop nacional. Há,

¹ Esta palavra, assim como “*rappers*”, “*hip-hop*” e “*hip-hoppers*” aparecem em itálico apenas em seus primeiros usos devido à incidência frequente ao longo da dissertação.

² Todas as vezes que eu me referir a alguma letra de rap, estarei tratando de uma composição constituinte do corpus de análise em anexo. As letras serão quase sempre identificadas ao longo da dissertação pela sua numeração correspondente no anexo.

contudo, de se lembrar que o material escolhido para análise contém somente alguns dos ícones do rap brasileiro mais recente. O mesmo vale para as letras que se mostraram ricas em figuração: não são naturalmente as únicas, mas foram as que mais chamaram a atenção no momento da coleta. Além desses dois recortes, um terceiro foi efetuado, porque, devido ao espaço restrito deste trabalho, na descrição dos dados, algumas construções figurativas foram preteridas em relação a outras. Houve a opção pelas figuras que mais instigaram curiosidade quanto ao seu funcionamento, considerando-se suas possíveis conexões com nossos objetivos. Fez-se uma análise qualitativa apenas das *letras* de raps nacionais da última década, com foco exclusivo nas na trama figurativa ali encontrada.

A análise do *corpus* fez um uso instrumental das categorias propostas pela teorias de Turner (1996), Lakoff (1993), Lakoff e Johnson (2002), por um lado, e da tipologia de figuras apresentada pelo filósofo e retoricista francês Olivier Reboul (2004), por outro. O uso dessas categorias de análise é instrumental, porque se justifica apenas pelo intuito de organizar as construções linguísticas com vistas ao objetivo maior do trabalho – identificar seus possíveis efeitos e seu valor na (des)construção identitária. Não se tratou, pois, de tomá-las como nomenclatura para padrões rígidos e autônomos, que pudessem ser descritos fora de seu contexto de produção, identificando as figurações em uma ordem única e incontestável.

Esta dissertação reserva o próximo capítulo para a exposição dos pressupostos teóricos adotados sobre (a) o conceito identidade e os processos de construção identitária; (b) o alcance do poder figurativo da linguagem; e (c) as relações entre música popular e identidade social. Costurando esses planos, estará a visão de que a linguagem é intersubjetiva, cultural, histórica, contextual e condicionada pelas práticas humanas, sendo ao mesmo tempo, condicionante dessas práticas. O capítulo 3 constitui-se por uma revisão da literatura sobre hip-hop no mundo e no Brasil, focando, sobretudo, no que tem sido dito academicamente sobre a relação dos raps com o a pós-modernidade. Essa parte do trabalho explora, dentre outras coisas, o nascimento do hip-hop em Nova York e suas motivações; as diferentes linguagens que o compõem; a tensão entre o conceito de cultura e política presente em sua definição; seus aspectos transgressores, coagulador e híbrido.

O capítulo 4 é destinado à descrição e análise das construções figurativas encontradas, revelando a importância desses recursos linguísticos num gênero marcado pelo hibridismo³. Será evidenciado que os raps nacionais são repletos de figuras de linguagem, havendo uma tensão entre figuras mais e menos fossilizadas. Percebendo-se que, independentemente da forma de categorização com que se resolva trabalhar, os exemplos de tipos diferentes de construções figurativas são o que não faltam, conclui-se, que o gosto dos rappers pela figura não é apenas um acidente de estilo, mas tem a ver com a potência retórico-argumentativa desse tipo de construção. Este capítulo se fecha, após descrição dos dados, ressaltando duas características principais reconhecidas nas figuras analisadas: a primeira delas diz respeito à propensão à volatilidade destas construções discursivas, sua tendência de não produzir resultados conceituais estáveis. A segunda concentra-se no fato de que, sendo as identidades em larga medida “criaturas da linguagem”, as figuras parecem desempenhar um papel facilitador na (des)construção identitária.

³ Esclareço que o termo *hibridismo*, sempre que empregado por mim, refere-se a alguma acentuada mistura, não tem conotação pejorativa, nem ignora o fato de que as artes, as culturas, os textos, etc, já resultam sempre de misturas diversas.